

CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DOS EMPREENDIMENTOS TIPO PESQUE-PAGUE EM CIDADES DO RIO GRANDE DO NORTE

Veruska Dilyanne Silva Gomes¹
 Cácio Ribeiro Cavalcanti²
 Francisco Glauco de Araújo Santos³
 Paulo Mário Carvalho de Faria⁴
 Viviane da Silva Medeiros⁵

GOMES, V. D. S.; CAVALCANTI, C. R.; SANTOS, F. G. de A.; FARIA, P. M. C. de; MEDEIROS, V. da S. Caracterização sumária dos empreendimentos tipo pesque-pague em cidades do Rio Grande do Sul. *Arq. Ciênc. Vet. Zool. UNIPAR*, Umuarama, v. 18, n. 4, p. 231-236, out./dez. 2015.

RESUMO: Os “pesque-pague” podem ser descritos como uma atividade econômica inserida no contexto de turismo rural ao oferecer o lazer, mediante pesca esportiva, como principal serviço. Objetivou-se com o presente trabalho identificar os estabelecimentos de pesca esportiva tipo pesque-pague da capital Natal e cidades circunvizinhas, situadas no Estado do Rio Grande do Norte, e caracterizá-los quanto a sua estrutura física, práticas de manejo, espécies cultivadas, abastecimento de insumos, perfil do proprietário e marketing empregado. Na região estudada foi possível identificar a existência de estabelecimentos tipo pesque-pague nas cidades de Ceará-Mirim, Nísia Floresta, Natal e Arês, sendo um em cada cidade. A Tilápia é o peixe mais utilizado para a pesca esportiva nos “pesque-pague” estudados, e sua reprodução natural nos viveiros de pesca ocorre por ação de peixes carnívoros. O pesque-pague não é uma atividade recente na região, a maior parte da mão de obra empregada é familiar com contratação de empregados nos dias de maior fluxo e, segundo a maioria dos proprietários, gera um bom lucro. Porém, esses também relatam a necessidade de uma cadeia produtiva bem estruturada disponibilizando peixes, insumos de qualidade e assistência técnica especializada.

PALAVRAS-CHAVE: Agronegócio. Pesca esportiva. Turismo rural.

SUMMARY CHARACTERIZATION OF FISH-AND-PAY ESTABLISHMENT IN CITIES FROM RIO GRANDE OF NORTE

ABSTRACT: The “fish-pay” can be described as an economic activity inserted in the context of rural tourism by offering leisure through sport fishing as the main service. The objective of this study was identify fish-and-pay establishments in Natal and surrounding towns, located in the state of Rio Grande do Norte, and features as their physical structure, practices management, cultivated species, supply of inputs, owner profile and employee marketing. In the region studied was possible to identify the existence establishments fish-and-pay type in the cities of Ceará-Mirim, Nísia Floresta, Natal and Arês, one in each city. The Tilapia is the most widely used fish for sport fishing in “fish-pay” studied, and its natural reproduction in fish ponds occurs per share of carnivorous fish. The “fish-and-pay” is not a new activity in the region, most of the employed workforce is familiar with hiring employees on days of increased flow and, according to most owners, it generates a good profit. However, they also report the need for a good structured production chain offering fish, quality inputs and specialized technical assistance.

KEYWORDS: Agribusiness. Rural tourism. Sport fishing.

CARACTERIZACIÓN SUMARIA DE LOS EMPRENDIMIENTOS DEL TIPO ESTANQUES DE PESCA EN CIUDADES DEL RIO GRANDE DO NORTE

RESUMEN: Los estanques de pesca pueden ser descriptos como una actividad económica inserida en el contexto del turismo rural al ofrecer el ocio, a través de la pesca deportiva, como servicio principal. Se ha buscado con ese estudio identificar los establecimientos de pesca deportiva del tipo estanques en la capital Natal y pueblos de los alrededores, ubicados en el Estado del Rio Grande do Norte, y caracterízalos cuanto a su estructura física, prácticas de manejo, especies cultivadas, suministro de insumos, perfil del propietario y marketing empleado. En la región estudiada ha sido posible identificar la existencia de estanques de pesca en las ciudades de Ceará-Mirim, Nísia Floresta, Natal y Arês, siendo uno en cada ciudad. La Tilapia es el pescado más buscado en la pesca deportiva en los estanques estudiados, y su reproducción natural en los viveros de peces ocurre por acción de peces carnívoros. Los estanques de pesca no es actividad reciente en la región, la mayor parte de la fuerza de trabajo empleada es familiar, con contratación de empleados en los días de mayor flujo y, según la mayoría de los propietarios, genera buena ganancia. Sin embargo, estos también informan de la necesidad de una cadena productiva bien

DOI: <https://doi.org/10.25110/arqvet.v18i4.2015.5749>

¹Zootecnista, doutoranda no Programa de Doutorado Integrado em Zootecnia - UFPA. Campus Universitário III, S/N - Cidade Universitária, Laboratório de Aquicultura, Bananeiras - PB, 58220-000. veruska_sgomes@yahoo.com.br

²Zootecnista, mestrando no Programa de Pós-graduação em Tecnologia Agroalimentar - UFPA

³Professor Doutor da Universidade Federal do Acre – UFAC.

⁴Professor Doutor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Unidade Acadêmica Especializada em Ciências Agrárias UFRN-EAJ.

⁵Professora Doutora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/Unidade Acadêmica Especializada em Ciências Agrárias UFRN-EAJ.

estructurada suministrando peces, insumos de calidad y asistencia técnica especializada.

PALAVRAS CLAVE: Agronegocio. Pesca Deportiva. Turismo Rural.

Introdução

O Brasil está entre os 12 maiores produtores de pescado do mundo, é o segundo maior produtor das Américas; com uma produção anual acima de 707 mil toneladas de pescado e, deste total, aproximadamente 611 mil toneladas são de peixe (FAO, 2014). O Estado do Rio Grande do Norte apresenta condições ambientais favoráveis que propiciam o aumento da produção de pescado visando a atender não só o consumidor final, como também o turismo rural, abastecendo os estabelecimentos de pesca esportiva.

Os “pesque-pague” podem ser descritos como uma atividade econômica inserida no contexto de turismo rural ao oferecer o lazer, mediante pesca esportiva, como principal serviço. Nos ‘pesque-pague’, os peixes geralmente são alocados em viveiros, tanques ou pequenas barragens com livre acesso para o cliente/pescador.

Esses estabelecimentos surgiram como atividade secundária geradora de renda e emprego para produtores rurais, atuando também como mais uma possibilidade de escoamento da produção de peixes em determinada região (ALENCAR et al., 2012) e estão geralmente localizados perto dos centros urbanos possuindo infraestrutura que permite o acesso de pessoas que saem da cidade em busca de um maior contato com a natureza por meio da realização de atividades ao ar livre como a pesca. Com isso, outras atividades geralmente são oferecidas nesses estabelecimentos como: camping, parque aquático, estacionamento, lanchonete, restaurante, venda de material de pesca e iscas (VENTURIERI, 2002).

Apesar dos empreendimentos tipo pesque-pague representarem uma atividade de turismo, lazer e opção rentável para a piscicultura, podem representar um elemento impactante ao ambiente no qual estão inseridos. Este tipo de atividade, se realizada sem orientação adequada quanto ao manejo e desrespeitos as normas legais, pode vir a gerar impacto ambiental como: produção de efluentes poluentes, lixo de forma proporcional a quantidade de frequentadores do sistema, mudar o curso de rios devido ao represamento de água para a construção de viveiros ou contribuir para a dispersão de espécies exóticas em ambientes naturais (ESPÍNDOLA, 2008).

O seguimento da pesca esportiva em pesqueiros (pesque-pague ou pesque e solte) no Brasil está concentrado na região Sudeste (KITAMURA et al., 1999), havendo reduzido número de informações sobre o setor em outras regiões do país, como a região Nordeste.

Mediante o exposto, objetivou-se com o presente trabalho identificar os estabelecimentos de pesca esportiva tipo pesque-pague na capital Natal e cidades circunvizinhas, situadas no Estado do Rio Grande do Norte, e caracterizá-las quanto a sua estrutura física, práticas de manejo, espécies cultivadas, abastecimento de insumos, perfil do proprietário e marketing empregado.

Material e Métodos

A presente pesquisa foi dividida em duas etapas.

Inicialmente foi realizado um levantamento de dados, por meio de consultas a revistas especializadas em pesca esportiva, anúncios em jornais, *websites* e revista de pesca esportiva visando a localizar todos os empreendimentos tipo pesque-pague existentes na capital Natal e cidades circunvizinhas com o intuito de elaborar um banco de dados composto por nome do estabelecimento, proprietários, localização e contato dos ‘pesque-pague’.

A segunda etapa foi caracterizada pela realização de visitas aos estabelecimentos de pesca esportiva tipo pesque-pague localizados durante a primeira etapa para a aplicação, por pessoa previamente treinada, de um questionário com perguntas diretas e objetivas aos proprietários dos estabelecimentos. A ferramenta de coleta de dados foi dividida em quatro seções: Localização da propriedade/estrutura física; Práticas de manejo e espécies cultivadas; Abastecimento (peixes e insumos); e Identificação do proprietário/mão-de-obra/marketing).

A primeira seção referente a localização da propriedade e estrutura física continha questionamentos sobre o município e área de pesca da propriedade, dias de funcionamento, acesso a propriedade, serviços oferecidos além da pesca esportiva, sistema de controle de consumo no estabelecimento, capacidade de atendimento do pesque-pague, fonte de abastecimento de água, sistema de captação de água, monitoramento dos parâmetros de qualidade da água e práticas de descarte de efluentes.

A seção destacada como práticas de manejo e espécies cultivadas apresentava os seguintes itens para avaliação: espécies comercializadas, frequência no fornecimento de alimento, tipo de alimento fornecido, densidade (peixes/m²), práticas de manejo sanitário, uso de registro de ocorrências, uso de sistema de aeração nos viveiros, práticas de renovação de água nos viveiros.

A terceira etapa do questionário, Abastecimento (peixes e insumos), aborda os seguintes questionamentos: preços praticados nos estabelecimentos tipo “pesque-pague”, frequência de abastecimento, peso dos animais adquiridos, localização dos fornecedores e forma de transporte dos peixes.

Na seção Identificação do proprietário/mão-de-obra/marketing, os entrevistados foram questionados quanto a sua escolaridade, ocupação principal, tempo de funcionamento do pesque-pague, tipo de mão-de-obra empregada, se possui assistência técnica, sobre os meios de divulgação do empreendimento, os problemas enfrentados, principais dificuldades e como avaliam o negócio quanto a lucratividade.

Os dados coletados foram avaliados por meio de estatística descritiva, compilados em planilha no aplicativo Microsoft Office Excel®, constituindo assim um banco de dados. Este, posteriormente, foi expresso em percentual e frequências por meio de gráficos e tabelas.

Resultados e discussão

Localização da propriedade/estrutura física

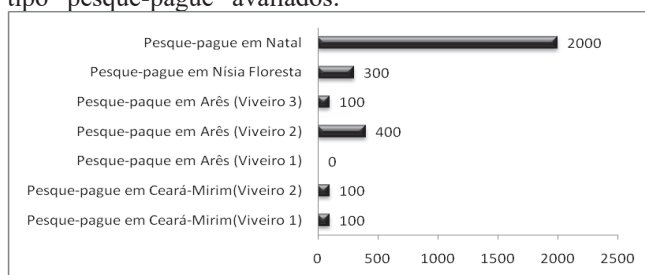
Foi possível identificar a existência de quatro em-

preendimentos do tipo pesque-pague localizados nas cidades de Ceará-Mirim, Nísia Floresta, Natal e Arês. Pode-se relatar que apenas um pesque-pague foi identificado em cada cidade.

Os estabelecimentos de pesca esportiva tipo pesque-pague possuíam entre um e três lagos destinados à atividade, cuja capacidade total variava entre 10 a 15 pessoas, segundo os entrevistados. Quando esses foram questionados sobre quais os parâmetros adotados para dimensionar a quantidade de clientes, fatores como a quantidade de bancos disponíveis e a quantidade de pessoas presentes em um dia de maior fluxo foram apontadas como evidências-base para o dimensionamento, não obedecendo nenhum padrão específico para determinar a distância entre os clientes, que promova maior segurança.

A quantidade de peixes alocados nos viveiros de acordo com os proprietários dos pesque-pague está representada na Figura 2. Para fornecer essa informação, os proprietários levaram em consideração a quantidade de peixes utilizados para reposição de estoque e o intervalo entre um repovoamento do viveiro e outro.

Figura 2: Quantidade de peixes (Kg), estimada pelos proprietários, para cada viveiro presente nos estabelecimentos tipo “pesque-pague” avaliados.



Fonte: arquivo pessoal.

A fonte de água utilizada por dois pesque-pague é o lençol freático e os outros dois utilizam água proveniente de um poço. Foram identificados dois sistemas de captação de água: captação por gravidade e por bombeamento direto. Na captação por gravidade, observada no pesque-pague localizado em Arês, os viveiros possuem um sistema de passagem

de água que os interliga, fazendo com que a mesma água passe por todos os viveiros.

Pavanelli, Eiras e Takemoto (2002) apontam para o risco que esse sistema possui, pois se ocorrer um problema sanitário em um dos viveiros, a água passará para os seguintes comprometendo a sanidade de todos os animais do sistema.

No pesque-pague localizado em Natal, o lago para pesca foi escavado sobre o lençol freático e por isso, não necessita de sistema de captação.

Em nenhum dos empreendimentos tipo pesque-pague foi identificado o tratamento da água após utilização no sistema. Porém, nos estabelecimentos localizados em Nísia Floresta e em Ceará Mirim, a água é reutilizada para jardinagem e irrigação de árvores frutíferas. No pesque-pague localizado em Arês, a água era descartada sem tratamento prévio, havendo a possibilidade de ocorrer escape de alevinos e juvenis de peixes exóticos no meio ambiente. O proprietário relatou desconhecer a existência de risco ambiental em proceder desta maneira, acreditando contribuir para o povoamento córrego situado próximo ao seu estabelecimento.

Fernandes, Gomes e Agostinho (2003), ao realizarem um estudo composto por aplicação de questionário aos proprietários de pesque-pague e levantamento ictiológico em cursos d'água próximos a estes, constataram a presença de diversas espécies exóticas provenientes do escape de peixes dos pesque-pague, esse fato foi atribuído à falta de conhecimento quando a práticas adequadas de manejo, pois os proprietários desconheciam a existência de risco ambiental em introduzir espécies exóticas no meio ambiente.

Práticas de manejo e espécies de peixes cultivadas

Os pesque-pague da região metropolitana do Natal e cidades circunvizinhas avaliados utilizaram principalmente as espécies *Oreochromis sp.* e *Colossomama cropomum* como principais espécies destinadas a pesca esportiva (Tabela 1). No entanto, para o controle da reprodução nos viveiros, principalmente devido à característica de alta prolificidade da tilápia, são utilizadas diversas espécies de peixes carnívoros como a traíra (*Hoplias malabaricus*), o pintado (*Pseudoplatystoma corruscans*) e tucunaré (*Cichla sp.*).

Tabela 1: Espécies de peixes disponíveis nos segmentos de pesca esportiva, tipo pesque-pague, avaliados.

Nome popular	Nome científico	Função	Número de estabelecimentos onde a espécie estava disponível
Tilápia	<i>Oreochromis sp.</i>	Pesca esportiva	4
Tambaqui	<i>Colossomama cropomum</i>	Pesca esportiva	3
Traíra	<i>Hoplias malabaricus</i>	Controle da reprodução no viveiro	2
Pintado	<i>Pseudoplatystoma corruscans</i>	Controle da reprodução no viveiro	1
Tucunaré	<i>Cichla sp.</i>	Controle da reprodução no viveiro	2

Fonte: Arquivo pessoal.

Para efeito do acompanhamento realizado, na avaliação da aquisição, estocagem e venda de peixes em um estabelecimento de pesca esportiva, Sanches e Lopes (2009) consideraram como espécies para exploração em pesque-pague: a tilápia comum ou tilápia-do-nilo (*Oreochromis niloticus*), tilápia vermelha (*Oreochromis niloticus, var.*), bagre africano (*Clarias gariepinus*), carpa comum (*Cyprinus car-*

pio communis), carpa cabeçuda (*Aristichthys nobilis*), pacu (*Piaractus mesopotamicus*), matrinxã (*Bryconcephalus*), piaçu (*Leporinus macrophtalmus*), traíra (*Hoplias malabaricus*) e bagre americano (*Ictalurus punctatus*).

Foi possível observar que os proprietários classificaram os peixes em categorias distintas. Traíra, tucunaré e pintado foram identificados como animais para controle da

reprodução de outros peixes no viveiro devido ao seu hábito alimentar carnívoro. Os proprietários relataram que muitas vezes essas espécies eram devolvidas ao viveiro quando capturadas pelos clientes-pescadores. Pois estes, segundo relatos, preferem consumir os peixes classificados como destinados à pesca esportiva (principalmente a tilápia e o tambaqui).

A tilápia (*Oreochromis* sp.) possui características sensoriais bem aceitas pelo mercado consumido como carne de sabor suave e sem espinhas intramusculares (SOUZA, 2002), alta produtividade e rusticidade (KHAW et al., 2012), ciclos curtos de produção e possibilidade de aquisição de animais na fase de terminação durante todo o ano.

O tambaqui é um peixe naturalmente frugívoro e onívoro (SILVA; PEREIRA-FILHO; OLIVEIRA-PEREIRA, 2003), que se destaca no cenário nacional por apresentar crescimento rápido, resistência a baixo teor de oxigênio dissolvido na água e carne bem aceita pelo mercado consumidor. É um peixe que se destaca no setor da pesca esportiva (MARTINS, et. al., 2002).

A renovação total da água utilizada nos viveiros é realizada em três dos pesque-pague avaliados, sendo um localizado em Nísia Floresta, um em Ceará Mirim e o outro em Arês. Dois utilizam sistema de aeração, no estabelecimento localizado em Ceará Mirim os aeradores são ligados diariamente às 17:00h e desligados duas horas depois; no pesque-pague localizado em Nísia Floresta, os aeradores são ligados das 19:00h às 06:00h.

A utilização de aeradores em viveiros escavados com média a alta densidade de estocagem de peixes se faz necessária para manter o teor de oxigênio dissolvido na água em um nível adequado ao animal. Segundo Moreira et al. (2001) ao longo do dia variações na quantidade de oxigênio dissolvido na água ocorrem em viveiros destinados a produção de peixes devido a fatores químicos, físicos e biológicos. O principal responsável por essa variação é o processo de fotossíntese e respiração realizado pelas algas e fitoplâncton. Durante o dia esses organismos produzem oxigênio por meio dos processos fotossintéticos com presença da luz solar, à noite esse processo é invertido e os organismos absorvem o oxigênio presente no ambiente. Como os viveiros possuem geralmente pouca profundidade, as variações de oxigênio dissolvido podem apresentar alta amplitude e com isso, os períodos da madrugada e manhã são os que apresentam menor quantidade de oxigênio dissolvido.

Tabela 2: Fornecedores, preços praticados e origem dos fornecedores de peixe aos pesque-pague da região metropolitana do Natal e cidades circunvizinhas

Pesque-pague	Quantidade de peixes (Kg) adquiridos/mês	Preço/Kg de peixe (R\$)	Peso do peixe adquirido (Kg)	Origem do fornecedor
Ceará-Mirim	100	5,00	0,300-0,400	Região do Mato Grande/RN
Arês	-	6,00	0,400-0,600	Goianinha/RN
Nísia Floresta	100	5,00	0,800-1,200	Brejinho/RN
Natal	500	3,50-4,00	1,000-1,500	Pitangui/RN

Fonte: arquivo pessoal.

O preço e o tamanho dos peixes podem variar de região para região do país, em função da demanda, da localização do empreendimento, da oferta e da sazonalidade, este tipo de estabelecimento se paga pela quantidade de peixe capturada, podendo ou não ser cobrada uma taxa de ingresso,

Apenas dois pesque-pague, o localizado em Ceará Mirim e o localizado em Natal, fazem anotações com a finalidade de registrar a ocorrência de enfermidades ou morte de peixes. Foi relatada, nos estabelecimentos localizados em Nísia Floresta e Arês, a ocorrência de doenças e morte de peixes durante o último ano.

O proprietário do pesque-pague no município de Arês relatou a ocorrência de morte total dos peixes nos viveiros em dois períodos de repovoamento destes. Na ocasião, foi observado por ele que a água de transporte dos peixes apresentava muco e que os peixes não estavam com “aparência saudável”, destacou também que alguns animais morreram durante o processo e os outros do dia seguinte, o que resultou na perda total do lote de peixes comprados. Pela descrição do proprietário, os animais podem ter passado por uma situação de estresse durante o transporte resultando em mortes.

Os peixes, durante o transporte, podem sofrer injúrias como perda de escamas, ferimentos e traumas que podem culminar em morte dos animais durante o transporte. Outros fatores que afetam a qualidade e sanidade dos peixes pós-transporte estão associados a perdas de agentes protetores como o muco cutâneo e escamas pela agitação e movimentação destes em decorrência da exposição à situação de estresse (BIZARRO, 2011). Devido a isso, o animal apresenta uma maior vulnerabilidade a possíveis agentes patogênicos que venham a estar presentes na água (PAVANELLI; EIRAS; TAKEMOTO, 2002).

Abastecimento (peixes e insumos para produção)

A quantidade de peixes adquiridos por lote de compra, os pesos médios dos peixes exigidos pelos pesque-pague, o valor de compra e a origem do fornecedor estão descritos na Tabela 2. Foi possível identificar que todos os empreendimentos tipo pesque-pague possuem um fornecedor distinto. O peso do peixe adquirido varia entre 0,300Kg e 1,5kg com preço por quilo variando entre R\$3,50 e R\$6,00.

Segundo os proprietários, os pesque-pague localizados em Nísia Floresta e Ceará-Mirim adquirem 100Kg de peixe mensalmente. O proprietário do pesque-pague localizado em Arês não soube informar a quantidade adquirida e o pesque-pague localizado em Natal adquire em média 500Kg de peixe por mês.

com um valor variável, entre eles (VENTURIERI, 2002).

Em 75% dos empreendimentos avaliados, o transporte dos peixes é realizado em tanques com aeradores, em 25% dos pesque-pague o transporte é realizado em tanques adaptados sem aeração adequada. Os fornecedores são res-

pensáveis pelo transporte dos peixes em três dos quatro estabelecimentos identificados. Apenas o pesque-pague localizado em Nísia Floresta possui tanque para o transporte de peixes.

Identificação do proprietário/ mão de obra/ marketing

O nível de escolaridade entre os proprietários dos pesque-pague visitados pode ser considerado baixo, pois, 50% dos proprietários não apresentam estudo formal e os outros 50% possuem ensino médio completo. Não foi encontrado nenhum proprietário com nível superior.

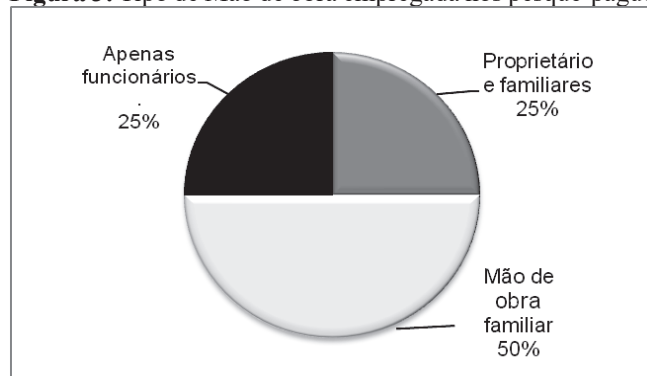
Em estudo com proprietários de pesque-pague em Santa Catarina, o nível de escolaridade estava distribuído principalmente entre o 2º grau e nível superior, em que 57,3% dos entrevistados declararam ter cursado o primeiro grau incompleto, ou o antigo primário (CUSTÓDIO, 2002). Para 50% dos proprietários o empreendimento de pesca esportiva tipo pesque-pague é sua principal atividade geradora de renda. Os outros 50% entrevistados são aposentados e entraram na atividade após aposentadoria.

O segmento pesque-pague na região metropolitana de Natal e região circunvizinha não é uma atividade recente, pois, os proprietários relataram possuir o empreendimento a dois (Pesque-pague em Ceará-Mirim), sete (Pesque-pague em Arês), 15 (pesque-pague em Natal) e 20 anos (pesque-pague em Nísia Floresta).

Custódio (2002) estudando o perfil dos frequentadores, aspectos ambientais e contribuições ao manejo em pesque-pague no Estado de Santa Catarina, observou, um tempo médio de 3,9 anos, do início das atividades (151 desses tinham entre dois e cinco anos). E que a ocupação principal dos proprietários era de empregados do comércio (36%), seguida de outras atividades, funcionários públicos (16%), professores (14%) e construção civil (12%), além de médicos, advogados.

O tipo de mão de obra utilizada no sistema está representado na Figura 3. Todos os pesque-pague avaliados não possuíam assistência técnica qualificada como: Zootecnista, Médico Veterinário, Técnico Agrícola ou em Aquicultura.

Figura 3: Tipo de Mão de obra empregada nos pesque-pague



Fonte: arquivo pessoal.

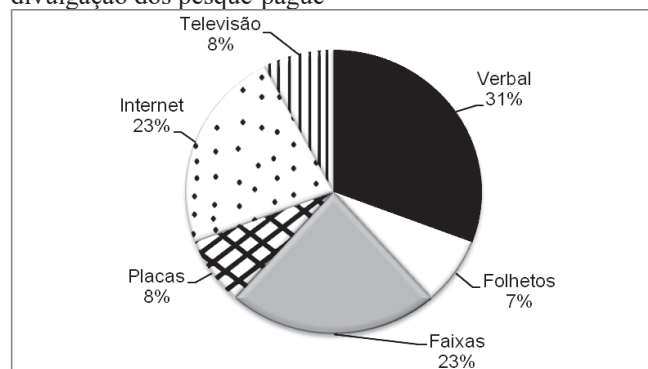
Em 50% dos estabelecimentos a mão de obra utilizada é familiar com a contratação de empregados atuando apenas nos dias de maior fluxo de pessoas. Tanto a mão de obra exclusivamente, familiar como também apenas funcionários são utilizadas em 25% dos estabelecimentos avalia-

dos.

Os proprietários relataram a utilização de 6 meios de divulgação dos pesque-pague. A mais utilizada é verbal (31%), seguida de faixas (23%) e internet (23%). A divulgação por meio de placas (8%), propagandas na televisão (8%) e folhetos (7%) possuem uma menor preferência de utilização (Figura 4).

Em relação ao marketing necessário para introdução de um empreendimento, do tipo pesque-pague, reportam duas fases, sendo a primeira com a utilização de panfletos e através de contatos com grêmios recreativos de empresas e a segunda com a criação de promoção como campeonato entre pescadores, entrevista em revistas especializadas e chamada em rádio, bem como uma habilidade especial dos proprietários e gerentes no relacionamento direto com o público (CUSTÓDIO, 2002).

Figura 4: Preferência dos proprietários quanto ao meio de divulgação dos pesque-pague



Fonte: arquivo pessoal.

A preferência pela divulgação verbal pode ser considerada um dos fatores relevantes que justificam as dificuldades encontradas em identificar os estabelecimentos de pesque-pague na região pesquisada, pois, este meio de divulgação restringe a informação a reduzido número de pessoas e/ou região.

Quando inquiridos sobre quais os problemas e dificuldades enfrentadas no setor, um proprietário revelou não encontrar dificuldades ou problemas. Os outros entrevistados destacaram como principais problemas: Fornecimento irregular de peixes (29%), distância das pisciculturas (23%), baixa qualidade dos peixes disponíveis para compra (14%), distância e difícil acesso ao pesque-pague (14%).

Os problemas relatados por dois entrevistados foram: dificuldade em encontrar fornecer idôneo e regular; e o alto valor cobrado pelo quilo do peixe na compra. Os demais proprietários afirmaram não enfrentar problemas.

Quando questionados sobre a lucratividade do empreendimento, 75% dos entrevistados afirmaram que o pesque-pague fornece um bom lucro e 25% afirmaram que fornece pouco lucro. Porém, em nenhum dos pesque-pague são realizadas avaliações sobre custos, lucros ou viabilidade econômica da atividade. Por isso, a resposta fornecida pelos proprietários pode não coincidir com a real situação econômica do pesque-pague.

Conclusão

O pesque-pague no município Natal e cidades circunvizinhas, segundo a maioria dos proprietários, gera um bom lucro. Porém, a falta de uma cadeia produtiva bem estruturada na região buscando suprir as necessidades de abastecimento de insumos com qualidade, a falta de assistência técnica especializada observada em todos os pesque-pague e a ausência de um plano mais eficiente de divulgação dos estabelecimentos, são fatores que podem justificar os aspectos negativos identificados na atividade, gerando significativas perdas econômicas e a dificuldade na aquisição de insumos.

Agradecimento

A todos os proprietários dos estabelecimentos tipo pesque-pague que colaboraram para a realização desta pesquisa.

Referências

- ALENCAR, S. R. et al. Avaliação ambiental, físico-química e microbiológica do pesque-pague do clube recreativo grangeiro, Crato-CE. **Cadernos de Cultura e Ciência**, v. 10, n. 1, p. 28-36, 2012.
- BIZARRO, Y. W. S. **Associação do anestésico óleo-de-cravo (eugenol), benzocaína e cloreto de sódio em diferentes concentrações para tilápia do Nilo submetidos à simulação de transporte**. 2011. 41 f. Monografia (Graduação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- CUSTÓDIO, S. C. **Pesque-pague: perfil dos frequentadores, aspectos ambientais e contribuições ao manejo**. 2002. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, Florianópolis, 2002.
- ESPÍNDOLA, E. A. **Os pesque-pague da bacia hidrográfica do rio Mogi-Guaçu: uma análise do perfil socioeconômico e da percepção ambiental de seus usuários**. 2008. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.
- FAO, Ifad.WFP. **The state of food insecurity in the world**, 2014.
- FERNANDES, R.; GOMES, L. C. G.; AGOSTINHO, A. A. Pesque-pague: negócio ou fonte de dispersão de espécies exóticas? **ActaScientiarum: Biological Sciences**, Maringá, v. 25, n. 1, p. 115-120, 2003.
- KHAW, H. L. et al. Genotype by production environment interaction in the GIFT strain of Nile tilapia (*Oreochromis niloticus*). **Aquaculture**, v. 326, p. 53-60, 2012.
- KITAMURA, P. C. et al. Avaliação ambiental e econômica dos lagos de pesca esportiva na Bacia do Rio Piracicaba. **Boletim de Indústria Animal**, v. 56, n. 1, p. 95-107, 1999.
- MARTINS, M. L. et al. Respostas do híbrido tambacu (*Piaractus mesopotamicus* Holmberg, 1887 macho x *Colossomama cropomum* Cuvier, 1818 fêmea) a estímulos simples ou consecutivos de captura. **Boletim do Instituto de Pesca**, v. 28, n. 2, p. 195-204, 2002.
- MOREIRA, H. L. M. et al. **Fundamentos da moderna aquicultura**. Canoas: Ulbra, 2001.
- PAVANELLI, G. C.; EIRAS, J. C.; TAKEMOTO, R. M. **Doenças de peixes: profilaxia, diagnóstico e tratamento**. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2002. p. 305.
- SANCHES, E. G.; LOPES, R. G. Avaliação da aquisição, estocagem e venda de peixes em um estabelecimento de pesca esportiva. **Ciência Animal Brasileira**, v. 10, n. 2, p. 365-372, 2009.
- SILVA, J. A. M.; PEREIRA-FILHO, M.; OLIVEIRA-PEREIRA, M. I. Valor nutricional e energético de espécies vegetais importantes na alimentação do tambaqui. **Acta Amazônica**, v. 33, n. 4, p. 687-700, 2003.
- SOUZA, M. L. R. Comparação de seis métodos de filetagem, em relação ao rendimento de filé e de subprodutos do processamento da Tilápia-do-Nilo (*Oreochromis niloticus*). **Revista Brasileira de Zootecnia**, v. 31, n. 3, p. 1076-1084, 2002.
- VENTURIERI, R. **“Pesque-pague” no Estado de São Paulo: vetor de desenvolvimento da piscicultura e opção de turismo e lazer**. São Paulo: ECO Associação para Estudos do Meio Ambiente, 2002. p.165.

Recebido em: 30.11.2015

Aceito em: 28.12.2015.